

O FALECIMENTO DO ENGº ADRIANO MURGEL BRANCO

O engenheiro e administrador Adriano Murgel Branco faleceu no último dia 23 de dezembro de 2018, em São Paulo, aos 87 anos. Adriano Branco esteve à frente de projetos que inovaram a área de transportes e mobilidade urbana de São Paulo e foi um dos responsáveis pela modernização do sistema de trólebus paulistano. Com uma extensa folha de serviços prestados aos transportes públicos no país, Adriano Branco participou ativamente dos principais eventos que permitiram significativos avanços ao setor. Um dos exemplos foi justamente sua atuação como diretor de Trólebus, da Cia. Municipal de Transportes Coletivos (CMTC), quando ficou à frente não só da modernização como da ampliação daquele sistema de transporte público.

Adriano Branco nasceu em 1931, no dia 15 de novembro, filho de Plínio Antonio Branco e Maria Murgel Branco. Em 1956 casou-se com Elza Galvão Branco, com quem teve três filhos: Cintia, Sandra e Alberto. Com o falecimento de dona Elza, em 1987, o engenheiro casou-se, anos depois, com Maria Arielze Rabelo Branco, a quem deixa viúva.

Em 1956, Adriano Branco iniciou suas atividades na Prefeitura Municipal de São Paulo, na função de estudante assistente. Ele se formou também em 1956 na Universidade Mackenzie como engenheiro eletricista e conquistou o cargo de engenheiro auxiliar na CMTC nesse mesmo ano. Em 1957, aos 26 anos, iniciou seu cargo de professor na Escola de Engenharia Mackenzie, onde ficou até 1964. Ele foi também um dos principais responsáveis pelo projeto Sistran, que revolucionaria o sistema de transpor-

FOTO: ARQUIVO ENGENHARIA



Eng. Adriano Murgel Branco

tes na capital paulista, o maior da América Latina já em 1978, quando o plano foi implantado. Além de um aumento significativo da rede de trólebus, previa integrações com outros modais e uma nova geração de ônibus elétricos. São Paulo receberia 1 280 trólebus novos e a rede seria ampliada em 280 quilômetros, que se juntariam aos 115 quilômetros já existentes na época. O plano não foi plenamente colocado em prática por causa da falta de continuidade administrativa. Adriano Branco sempre defendeu subsídios e o financiamento público do setor de transportes, mesmo sendo operado por empresas privadas. O engenheiro dizia, com base em sua própria experiência, que era possível notar que os transportes trazem lucro para toda a sociedade por meio de benefícios sociais e econômicos, as chamadas externalidades, que não são repassadas para o setor novamente.

Entre muitas outras realizações profissionais, Adriano Branco publicou, em 1972,

sua primeira monografia intitulada *Acidentes Rodoviários – Sinalização e Segurança*. Em 1975 publicou *Normatização Brasileira de Defensas Rodoviárias*. Em 1978, ele lançou as seguintes monografias: *Trólebus e as Tendências Modernas dos Transportes Coletivos sobre Pneumáticos*; e *Transporte Urbano por Trólebus*. Em 1984 passou a ocupar o cargo de secretário de Estado dos Transportes de São Paulo, na gestão de Franco Montoro. Em 1987 passou a ocupar o cargo de secretário de Estado da Habitação, em São Paulo, quando passou a ocupar o cargo de presidente do Fórum Nacional dos Secretários Estaduais de Habitação. Em 1990 lançou monografia *Concessão dos Serviços de Utilidade Pública*.

Em 1993, por seus trabalhos em consultoria, Adriano Branco passou a atuar como diretor da AM Branco Consultoria S.C. Ltda. Em 1994, lançou monografia *Desenvolvimento e Planejamento no Estado de São Paulo*. Nesse mesmo ano passou a integrar o Conselho Deliberativo do Instituto de Engenharia. Em 1995 passou a atuar como membro do Conselho de Administração da Desenvolvimento Rodoviário S.A. (Dersa), do Conselho de Administração da Companhia do Metropolitano de São Paulo (Metró) e do Conselho de Administração da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), onde ficou até o ano 2000. Em 2006, lançou a monografia *O Financiamento de Obras e de Serviços Públicos*, em conjunto com o jurista Adilson Dallari, e no ano seguinte publicou a monografia *Desenvolvimento Sustentável na Gestão de Serviços Públicos*.

Em 2008 Adriano Murgel Branco recebeu o título de “Eminente Engenheiro do Ano” pelo Instituto de Engenharia.

FALECE O ENGº CYRO EYER DO VALLE (1937-2018)

Falecido em 2018, Cyro Eyer do Valle foi um verdadeiro polivalente. Cyro deixou a esposa Dra. Lúcia, quatro filhos, quatro netos e uma neta.

Destacou-se como engenheiro formado pela ENE em 1960, como professor de instalações industriais e de proteção do meio ambiente, como gestor, empreendedor, consultor, autor.

Premiado por diversas instituições. Entusiasmado viajante. Poliglota era fluente em português, inglês, espanhol, francês e com sólidos conhecimentos em sueco e alemão.

A seguir, o depoimento de um grande amigo seu, o consultor aposentado Harald Hellmuth.

“Conheci Cyro em 1955 no cursinho preparatório para o vestibular no Rio de

Janeiro. Lá formamos um grupo de cinco amigos aprovados. Cyro chamou minha atenção quando resolveu um problema de matemática de forma original enquanto eu recorria à semelhança de um problema tratado antes. Acabamos constatando que nossos pais haviam trabalhado para uma mesma oficina em Niterói durante a guerra.

Eu tranquei a matrícula depois de con-

cluído o terceiro de cinco anos. Cyro organizou a viagem pela Europa de um grupo de colegas formados, de Portugal a Helsinki, com as despesas patrocinadas por empresas e governos. Organizar e viajar foram talentos seus. Permaneceu na Suécia por dois anos trabalhando no estaleiro Kokums em Malmö. Antes de regressar ao Brasil ainda organizou um curso de língua na Alemanha. De volta trabalhou primeiro no estaleiro Mauá, em Niterói, foi bolsista para instalações industriais na França e professor desta matéria na ENE. Nesta atividade produziu a sua primeira obra – Implantação de Indústrias –, que até hoje é referência. Já então apontou para os possíveis danos ambientais das produções industriais, que o preocuparam e ocuparam por toda a carreira. Como professor-orientador conduziu outro grupo de engenheiros recém-formados que atravessou a então União Soviética. Depois atuou nas empresas de engenharia Montreal e Promon em cargos de crescente responsabilidade. Pela

FOTO: DIVULGAÇÃO



Eng. Cyro Eyer do Valle

Promon coordenou as obras do consórcio Promon-Hochtief no Metrô de São Paulo. Desempregou-se da Promon para se tornar empresário na Apliquim, que entre outras atividades reciclava o mercúrio de lâmpadas fluorescentes, reciclando também os demais componentes. Tratou da eliminação do Askarel, óleo empregado na refrigeração de transformadores, que se revelou

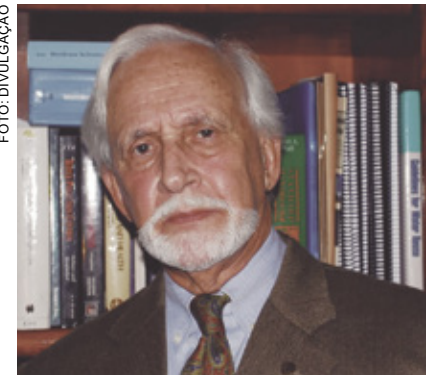
O FALECIMENTO DO PROF. DR. IVANILDO HESPANHOL

Faleceu em São Paulo, no último dia 3 de janeiro, o prof. dr. Ivanildo Hespanhol, PhD. Referência em reúso de água, o professor Ivanildo Hespanhol era gradua-

do em engenharia civil e em engenharia sanitária pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em engenharia sanitária e doutor em engenharia sanitária e doutor em engenharia sanitária e doutor em saúde pública pela Faculdade de Saúde Pública - USP. Atuava como professor titular da Escola Politécnica, EPUSP - USP, além de ocupar a posição de Presidente Fundador do Centro Internacional de Referência em Reúso de Água - CIRRA. Atuou também, como Engenheiro Ambiental na Organização Mundial da Saúde - OMS, Genebra, Suíça, no período de 1987 a 1995. Ao falecer, o professor Ivanildo Hespanhol encerrou uma carreira profícua, da qual dedicou mais de 50 anos à USP, tendo se transformado em campeão na defesa do reúso potável do esgoto como forma, inclusive, de ajudar a combater a crise hídrica que abalou São Paulo em 2015 e que ameaça com possível repetição em anos vindouros.

Entre muitas outras atividades, o professor Ivanildo Hespanhol atuou junto ao Consórcio PCJ, especialmente, no projeto “Eu Uso e Não Abuso”, durante os anos 2009 e 2010, que disseminou a importância do reúso de água na comunidade das Bacias

FOTO: DIVULGAÇÃO



Eng. Ivanildo Hespanhol

PCJ (bacias hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí).

Professor Ivanildo Hespanhol costumava dizer que “a prática de reúso para fins não potáveis já está consagrada em uma grande multiplicidade de países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento. Atualmente, a proposta evoluiu para reúso potável por meio da utilização dos sistemas de distribuição existentes, eliminando os custos associados a linhas paralelas para distribuir água de reúso”.

Segundo um de seus seguidores, o engenheiro civil e sanitarista Paulo Afonso da Mata Machado, o professor Ivanildo Hespanhol estava certo ao fazer tal afirmação. Afinal, o reúso para fins não potáveis implica na construção de nova rede de distribuição, ao passo que o reúso potável

causador de câncer. Paralelamente projetou o beneficiamento do minério de estanho para a Cia. Paranapanema, em Presidente Figueiredo (AM). Atuou como pessoa de confiança da Camargo Corrêa tanto no planejamento e na instalação da redução de ferro-silício em Carajás, como em assuntos de financiamento.

Atuou como consultor e professor em instalações industriais pela ONU/PNUD em Angola e Moçambique.

Tendo publicado livros sobre problemas de poluição industrial – exemplo: Qualidade Ambiental – ISO 14.000 – colaborou com o Senac em cursos tanto presenciais, como à distância. Em colaboração com Henrique Lage publicou Meio Ambiente – Acidentes, lições, soluções.

Foi várias vezes reconhecido com premiações. A dimensão humana do Cyro transparece numa coletânea de narrativas de viagens reunidas no volume Da Lapônia à Patagônia. No Instituto de Engenharia foi assíduo frequentador do grupo Abepolar.”

permite utilizar a própria rede existente. Esse era um dos argumentos que o professor Ivanildo Hespanhol utilizava em favor do reúso potável, ardoroso defensor que era da transformação do esgoto em água para beber.

Entre os diversos trabalhos que o professor Ivanildo Hespanhol escreveu sobre o tema destaca-se “A inexorabilidade do reúso potável direto”, publicado pela Revista DAE em sua edição de janeiro a abril de 2015. O professor era um crítico das autoridades públicas por se recusarem a discutir o reúso potável do esgoto, enquanto permitiam o lançamento desse esgoto nos cursos de água da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), muitas vezes sem nenhum tratamento. Ele costumava lembrar os métodos utilizados pelos antigos romanos, que poluíam seus rios e iam buscar água em cursos de água distantes e, à medida que a população de Roma crescia, essa busca se realizava cada vez mais longe, com a construção dos célebres aquedutos romanos. Para ele, não é outro o método empregado na RMSP, que poluiu o Alto Tietê e seus afluentes e importa cerca de 30 m³/s de água do Sistema PCJ. Como essa vazão já é insuficiente para atender os mais de 20 milhões de habitantes da Grande São Paulo e o seu gigantesco parque industrial, foram surgindo projetos como, por exemplo, o da transposição de águas da bacia do Rio Paraíba do Sul.